



## **Água, extensão rural e fomento: transformações em agroecossistemas de mulheres assentadas no Sertão do Pajeú, Pernambuco**

*Water, rural extension and development: transformations in agroecosystems of women settled in the Sertão do Pajeú, Pernambuco*

AMORIM, João Batista Barros de<sup>1</sup>; NEUMANN, Pedro Selvino<sup>2</sup>; MÉLO, Anastácia Brandão de; BARRERO, Flávio Marques Castanho.

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural de Pernambuco, joao.amorim@ufrpe.br; <sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Maria, pedro.neumann@ufsm.br; <sup>3</sup> Universidade Federal Rural de Pernambuco, brandaoanastacia@gmail.com; <sup>4</sup> Universidade Federal de Sergipe, fmcbarreiro@gmail.com

### **RESUMO EXPANDIDO**

#### **Eixo Temático: Manejo de Agroecossistemas**

**Resumo:** Este estudo de caso teve como objetivo conhecer e discutir as transformações em curso nos agroecossistemas de duas assentadas de reforma agrária que participaram do Programa uma terra e duas águas: Fomento Produtivo Rural, no Sertão do Pajeú, uma experiência recente de ATER ou Acompanhamento às Atividades Socioprodutivas que justifica o presente trabalho. A partir dos ciclos de oficinas, visitas e trocas de experiências, elas investiram recursos e esforços na melhoria dos sistemas de produção vegetal e animal, fortalecendo a perspectiva agroecológica de convivência com o semiárido nesse território. Por meio de entrevistas semiestruturadas, observação direta e análise de conteúdos, percebeu-se que as intervenções provocaram a melhoria das condições de criação, consumo, beneficiamento e comercialização dos alimentos, com vistas à segurança alimentar e nutricional.

**Palavras-chave:** agroecologia; convivência com o semiárido; segurança alimentar.

#### **Introdução**

Se no semiárido brasileiro, a água é o principal insumo para a agricultura familiar, no Sertão do Pajeú, ela parece agregar outros significados e se vincula à produção da vida nos espaços rurais, ora nomeados agroecossistemas. E, quando essa água é coletada da chuva e armazenada nos quintais de mulheres pajeuzeiras, parecem se agigantar os sentidos que lhe são atribuídos, visto que faz parte dos sistemas (re)produtivos.

O presente artigo analisa as transformações dos agroecossistemas de agricultoras assentadas de reforma agrária que participaram do Programa uma terra e duas águas: Fomento Produtivo Rural, da Articulação no Semiárido Brasileiro (Asa Brasil), cujo propósito foi fomentar a produção e o consumo de alimentos e a segurança alimentar e nutricional, a partir do trabalho das mulheres, com intervenções de ATER (Asa Brasil, 2017). Em três anos, extensionistas da ONG Diaconia mediarão ações de mobilização e formação, construção de cisternas,



calçadão, instalação de sistemas simplificados de irrigação e fomento de projetos de produção agroecológica.

A partir de um estudo de caso, buscou-se reconhecer e discutir as dimensões objetivas e subjetivas imanentes às transformações, provocadas pelo acesso das mulheres a tecnologias sociais e crédito não reembolsável, vinculadas às intervenções de extensão rural e às estratégias de produção, consumo e comercialização de alimentos. Discute-se as mudanças em curso com base na perspectiva do paradigma de convivência com o semiárido, que se contrapõe ao paradigma dominante de combate à seca, agregando-se a dimensão agroecológica, entendida como ciência, movimento e prática, como sugerem Wezel et. al (2009), dimensões presentes nas práticas de manejo dos agroecossistemas.

A pesquisa foi realizada nos Assentamentos Lagoa de Outra Banda e Açudinho, Município de São José do Egito, respectivamente, nos agroecossistemas de Dona Itamara e Dona Ivete, que vivem da agricultura familiar, conciliando as atividades dos roçados, dos quintais, da criação animal, além do beneficiamento e da comercialização de grãos, leite e derivados, animais vivos e abatidos. Nesse ambiente, as mulheres ampliaram a capacidade de coleta e estocagem de água de chuva, a produção e oferta de alimentos para as famílias e os animais, fortalecendo as práticas agroecológicas nos agroecossistemas.

## **Metodologia**

O conceito de agroecossistema utilizado nesse estudo refere-se aos espaços em que as mulheres convivem, trabalham, produzem e se reproduzem, compostos de elementos que delimitam fisicamente seus lotes e aqueles de uso comunitário, pois as relações se estendem além dos quintais e roçados.

Para registrar, inferir, interpretar e discutir as percepções acerca dessa experiência recente de ATER, também nomeada Acompanhamento às Atividades Socioprodutivas, as agricultoras são os casos e seus agroecossistemas são as unidades de análise que permitiram ampliar os conhecimentos acerca da perspectiva agroecológica de convivência com o semiárido, em curso nesses espaços.

Dona Itamara e Dona Ivete foram indicadas pela dupla de extensionistas da ONG Diaconia, a partir da decisão de pesquisar a categoria social mulheres assentadas de reforma agrária e das setenta agricultoras que participaram do P1+2 Fomento no Sertão do Pajeú e elas são as únicas assentadas e conquistaram a cisterna calçadão e equipamentos para irrigação e geraram o valor de três mil reais, em projetos de produção agroecológica de alimentos.

Nesse território, a pecuária é diretamente atrelada à agricultura familiar e as mulheres participam desde as práticas de manejo até o beneficiamento; o preparo dos alimentos e a comercialização de produtos primários e derivados. As cisternas



têm capacidade para estocar 52 mil litros de água de chuva e o calçadão de 200m<sup>2</sup> é utilizado para secar grãos, vagens, ramas, manivas e sementes, condições que fazem parte da caracterização do local da pesquisa, realizada em quatro etapas.

A pesquisa exploratória foi feita no Perfil dos Beneficiários e das Beneficiárias do Projeto de Fomento Produtivo Rural, PE (Incubacoop, 2021); no Itinerário Metodológico do P1+2 (ASPTA, 2017); nas cartas pedagógicas de cada extensionista – com impressões dos desafios; das relações com as mulheres e do percurso metodológico na pandemia do coronavírus – e nos mapas dos agroecossistemas das duas assentadas. Tais documentos ampliaram a curiosidade de conhecê-los, caminhar pelos vários espaços e conversar a respeito das mudanças recentes.

Já na pesquisa empírica fez-se entrevistas semiestruturadas, assinalando as condições atuais de coleta e estocagem de água de chuva; os sentidos atribuídos às capacitações e às novas aquisições e às apropriações e mudanças reconhecidas por cada mulher e uma caminhada nos agroecossistemas, observando e registrando as cisternas, os projetos implantados e as estratégias de produção de alimentos para as pessoas e os animais, numa perspectiva agroecológica de convivência com as condições locais.

Com as informações, foi organizado um banco de dados, como sugere Yin (2001), descrevendo os achados empíricos e garantindo a memória dos fatos e aspectos relevantes. Depois, os dados foram sistematizados, interpretados e qualificados, subsidiando um diálogo com as transformações em curso de cada ambiente e, a partir das recomendações de Bardin (2016), fez-se a análise de conteúdo, atribuindo sentidos e significados às falas e às observações.

## **Resultados e Discussão**

Discutir as questões enredadas nas transformações dos dois agroecossistemas citados, a partir do acesso das agricultoras a tecnologias sociais, recursos financeiros e um serviço extensão rural é reconhecer as múltiplas qualidades das mulheres pajeuzeiras que, inspiradas pela esperança e movidas pela resistência, arregaçam as mangas no raiar do dia, ganham os campos e o entorno das casas, fazem suas atividades e repousam os corpos e as almas, com novos planos, desejos e sonhos.

No Assentamento Lagoa de Outra Banda, Dona Itamara expressa a fé renovada em mais um 'ano bom de inverno' para as chuvas encherem de novo sua cisterna domiciliar, sua cisterna de produção e os outros reservatórios que garantem a manutenção da família e dos rebanhos. Ela também dispõe de silagem e feno que fornece aos rebanhos nos meses de estiagem (verão), uma vez que nos meses de chuva (inverno), eles se alimentam do pasto nativo e/ou cultivado nos cercados.

A pecuária é a atividade central e ratifica a utilização do crédito na construção do aprisco de alvenaria, para abrigar o rebanho de ovinos, composto de animais jovens



e adultos, vendidos para cobrir as despesas com a compra de alimentos e outros produtos não disponíveis. O aprisco é parte das transformações em curso e está associado ao interesse em melhorar a estrutura do seu agroecossistema, associando práticas inovadoras de manejo da criação com novas perspectivas e produção, consumo e comercialização e ela considera os animais como sementes, selecionadas com apreço para dar continuidade aos criatórios.

No Assentamento Açudinho, Dona Ivete salienta que a cisterna calçadão faz parte das transformações recentes, atende às demandas dos animais e da produção de alimentos e as 'águas servidas' irrigam as frutíferas e são usadas pelas aves (galinhas e perus), que compõem a dieta da família e são comercializadas vivas e abatidas. Nesse ambiente de atividades complementares, destacam-se a nova máquina forrageira, fomentada com os recursos do crédito e utilizada para produzir silagens, servidas, diariamente, aos animais e a compra de "uma faixa de terra de baixo", que ampliou os roçados anuais de milho.

As apropriações e resistências das agricultoras se manifestam, ainda, nas "palavras não ditas", como ensina Bardin (2016) e demonstram que elas estão numa ciranda de novos saberes, manejando de forma mais intensa as águas na interação entre os cultivos e as criações. Com efeito, os fluxos internos e externos de insumos, alimentos e serviços vêm se tornando mais dinâmicos, a partir das novas experiências e intervenções, pois em ambos agroecossistemas, as águas das cisternas fazem parte da dieta dos animais e irrigam os pomares, que alimentam as famílias e até pessoas de fora dos assentamentos, por meio da aquisição dos produtos.

Considera-se que a resistência revela e fortalece as condicionalidades políticas e socioeconômicas do acesso à água de chuva pelas agricultoras. Para Calaça (2018 apud Leyesa, 2019, p. 24), "As mulheres querem promover mudanças; construir um sistema alimentar diferente do promovido pelas empresas multinacionais" e "Essa luta não só enfraquecerá o autoritarismo e ampliará a participação popular, mas também beneficiará o planeta, que sofre com os efeitos das mudanças climáticas."

Edificando novas estratégias de (re)produção em seus espaços, Dona Itamara e Dona Ivete se mostram dispostas a participar de novos ciclos de formação, com fomento a projetos e acompanhamento das transformações desencadeadas pelo Programa uma terra e duas águas. Ao destacarem novos interesses de provocarem mudanças cíclicas nos seus agroecossistemas, elas defendem ações sistemáticas de extensão rural, capazes de promover outros sentidos e significados nos mecanismos locais de acesso à água de chuva, produção e consumo de alimentos.

O auto consumo dos alimentos produtivos localmente é a primeira e principal via para a segurança alimentar e uma práxis nos dois agroecossistemas, visto que elas dispõem de frutas, grãos, macaxeira, animais, ovos e outros alimentos apreciados no semiárido pernambucano. Nesses ambientes vivos e fecundos, a água, as sementes crioulas, os esterco e restos das culturas são muito mais do que



insumos: ao se misturarem aos solos dos roçados geram novas sementes e novos alimentos, numa espiral viva que permite visualizar as transformações materiais e simbólicas.

Com habilidades e conhecimentos que se multiplicam cotidianamente, por necessidade e coragem de enfrentarem os desafios e se firmarem em seus espaços, elas fazem parte do lugar ocupado pelas mulheres de outros países e territórios, apresentadas por Andrews *et al.* (2019, p. 8). Tais percepções também se associam aos olhares feministas de Daryl Leyesa (2019, p. 20) que anuncia: “As mulheres estão no cerne dos sistemas de transformação e a assegurar as suas próprias alternativas; portanto, não se trata apenas de resiliência, mas também de resistir aos sistemas atuais e reivindicá-los como próprios.”

As apropriações dessas agricultoras estão intrinsecamente alinhadas às mudanças e indicam que as decisões fortaleceram as estratégias agroecológicas, discutidas no Programa uma terra e duas águas: Fomento Produtivo Rural. Ademais, elas reconhecem que seus animais e alimentos derivados deles são saudáveis e livres de resíduos tóxicos, fato que permite perceber a relação entre convivência com o semiárido, tecnologias sociais, agroecologia e segurança alimentar.

## Conclusões

Notadamente, o esforço de associar agroecologia com práticas zootécnicas exige considerar a oferta de alimentos naturais extraídos da caatinga, do milho crioulo e da palhada dos roçados, além da água de chuva reservada nas cisternas. Essas condições vêm sendo melhoradas e sinalizam a preocupação das agricultoras com a sanidade dos rebanhos e, conseqüentemente, com o consumo de alimentos saudáveis pelas famílias.

As relações de trocas de serviços por produtos entre duas mulheres sinalizam outros aspectos do paradigma de convivência agroecológica com o semiárido, como a reciprocidade, a solidariedade, os laços de amizade e confiança mútua. Nos dois agroecossistemas, essas combinações surtem efeitos positivos, pois fomenta as múltiplas habilidades e favorece o suprimento de bens materiais e imateriais, de forma complementar, rumo à sustentabilidade.

Nessa perspectiva, assinala-se que nos Assentamentos Lagoa de Outra Banda e Açudinho, os novos reservatórios, equipamentos e saberes contribuem para a integração das atividades agrícolas e não agrícolas, conciliáveis com a criação animal. Entretanto, percebe-se que tais investimentos poderão surtir efeitos transformadores de médio e longo prazos, com novas intervenções de extensão, mais recursos de fomento e custeio anual das atividades e que as novas tecnologias e os equipamentos agregados poderão colaborar para a redução da carga de serviços e, ainda, a concentração destes nos agroecossistemas.



## Referências bibliográficas

ARTICULAÇÃO NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO. **Programa Uma Terra e Duas Águas P1+2. Modalidade Fomento.** Proposta de Ajuste. Terceira etapa: Assessoria técnica em processos de comercialização a 3.400 famílias. Recife: ASA, 2020.

ANDREWS, Donna; SMITH, Kiah e MORENA, M. Alejandra. **Enfurecidas:** mulheres e a natureza. In: Observatório do direito à alimentação e à nutrição: O poder das mulheres na luta por soberania alimentar, 2019. Disponível em [www.righttofoodandnutrition.org/pt/observatorio](http://www.righttofoodandnutrition.org/pt/observatorio). Acesso em: 20 abr. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

INCUBADORA TECNOLÓGICA DE COOPERATIVAS POPULARES. **Projeto de Apoio à Abordagem de Segurança Alimentar e Nutricional:** sistematização de informações sobre o perfil dos beneficiários e das beneficiárias do projeto de fomento produtivo rural. Recife: UFRPE, 2021.

LEYESA, L. Daryl. **O autoritarismo no Brasil, nas Filipinas e em Rojava (Norte da Síria).** In: Observatório do direito à alimentação e à nutrição: O poder das mulheres na luta por soberania alimentar, 2019. Disponível em [www.righttofoodandnutrition.org/pt/observatorio](http://www.righttofoodandnutrition.org/pt/observatorio). Acesso em: 20 abr. 2022.

OBSERVATÓRIO DO DIREITO À ALIMENTAÇÃO E À NUTRIÇÃO. **O poder das mulheres na luta por soberania alimentar.** Alemanha: Fian Internacional, 2019.

SEIBERT, Iridiani Graciele.; SAYEED, Azra Talat.; GEORGIEVA, Zdravka; GUERRA, Alberta. **Sem feminismo, não há agroecologia.** In: OBSERVATÓRIO DO DIREITO À ALIMENTAÇÃO E À NUTRIÇÃO. O poder das mulheres na luta por soberania alimentar. Alemanha: Fian Internacional, 2019.

WEZEL, A.; BELLON, S.; DORÉ, T.; FRANCIS, C.; VALLOD, D.; DAVID, C. **Agroecology as a science, a movement and a practice.** A review. In: Agronomy for Sustainable Development. Paris, 2009.

YIN, Rpbert. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman. 2001.